

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Música Contemporânea
Grande Auditório, 17h, M/6
Concerto com audiodescrição
para pessoas cegas e com baixa visão

24 mar
2024

Kremerata Baltica com Gidon Kremer

belém
soundcheck

CCB

belém soundcheck

Ao fim de 30 anos de atividade, o Centro Cultural de Belém reafirma a sua identidade plural, com a criação de um novo festival de música que aponta a sua programação para vários públicos. O Belém Soundcheck será, assim, o chão comum de uma programação diversificada.

O festival, que ocorrerá de dois em dois anos, aposta na multiplicidade de universos musicais, que vão do fado à música erudita, do jazz à eletrónica, das músicas do mundo às sonoridades exploratórias. Este novo festival irá reunir, num encontro plural, figuras de referência da música internacional com artistas do panorama nacional.

Nesta primeira edição contamos com as parcerias da Égide – Associação Portuguesa das Artes, da EGEAC e do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, que se revelaram fundamentais para este projeto.

Neste contexto, não descuramos as questões de acessibilidade, que temos vindo a trabalhar em estreita colaboração com a ACCESS LAB.

Coprodução Centro Cultural de Belém, Égide – Associação Portuguesa das Artes
Parceria EGEAC, Instituto Italiano de Cultura de Lisboa
Parceria Media RTP, Antena 1, Antena 2 e Antena 3



Música Báltica

Arvo Pärt (n. 1935)

Fratres para violino, orquestra e percussão

Solista **Gidon Kremer** (violino)

Kremerata Baltica

Vidmantas Bartulis (1954–2020)

I like Schubert para orquestra de cordas (excerto)

Kremerata Baltica

Georgs Pelēcis (n. 1947)

Kādas biogrāfijas lappuses para violino, vibrafone e orquestra
(dedicada a Gidon Kremer)

Solista **Gidon Kremer** (violino)

Vibrafone **Andrei Pushkarev**

Kremerata Baltica

INTERVALO

Astor Piazzolla (1921–1992)

Cuatro Estaciones Porteñas

(arranjo para violino e orquestra de L. Desyatnikov)

Verano porteno

Otono porteno

Invierno porteno

Primavera portena

Solista **Gidon Kremer** (violino)

Kremerata Baltica

Frédéric Chopin (1810–1849)

Concerto para Piano n.º 2, em Fá menor, op. 21

(versão para piano e orquestra de Yevgenity Sharlat, 2010)

Maestoso

Larghetto

Allegro vivace

Solista **Georgijs Osokins** (piano)

Kremerata Baltica

Kremerata Baltica

Violinos

Stella Zake

Dainius Peseckas

Zane Kalnina

Rakele Chijenaite

Alina Vizine

Linas Valickas

Andrei Valigura

Marija Strapcane

Rudolfs Miklesons

Ula Kamile Klebanovaite

Kristina Morozova

Violas

Jevgenija Frolova

Zita Zemovica

Marta Racene

Violoncelos

Giedre Dirvanauskaite

Kristers Martins Šīmanis

Ruta Balciute

Contrabaixos

Iurii Gavryliuk

Kristaps Petersons



Kremerata Baltica / Gidon Kremer



Arvo Pärt

(n. 1935)

Nasceu numa pequena cidade próxima de Talin, capital da Estónia. Assistiu à ocupação do seu país pela União Soviética, durante mais de 50 anos, o que teve um efeito profundo na sua vida e obra. Realizou os seus estudos na Escola Secundária de Música de Talin e no Conservatório de Talin, onde teve aulas de composição com Heino Eller. Durante dez anos, trabalhou para a rádio da Estónia como técnico de gravação, enquanto escrevia música para teatro e recebia numerosas encomendas para bandas sonoras de filmes.

Nekroloog foi a sua primeira composição a usar o serialismo, tendo prosseguido nesta mesma linha com as peças *Sinfonia n.º 1*, *Sinfonia n.º 2* e *Perpetuum Mobile*. Cansado do rigor dominante, experimentou trazer aos seus trabalhos colagens técnicas, de que é exemplo *Collage über Bach*. A partir de 1976 descobriu uma nova técnica a que chamou «tintinnabuli» (do latim, pequenos sinos), a que se manteve fiel.

Depois de deixar a Estónia, na década de 1980, concentrou-se em textos religiosos, com coros e *ensembles*, que se tornaram conhecidos por todo o mundo. No seu sexagésimo primeiro aniversário, os seus trabalhos foram condecorados pela American Academy of Arts and Letters.

Em maio de 2003 foi galardoado com o Contemporary Music Award na cerimónia Classical Brit Awards no Royal Albert Hall, em Londres.

Vidmantas Bartulis

(1954-2020)

Formou-se no Conservatório Estatal da Lituânia (atual Academia de Música) em 1980, na classe de composição do professor Eduardas Balsys. Trabalhou na J. Gruodis College of Music em Kaunas durante três anos. Entre 1982 e 1993, foi diretor musical e entre 1999 e 2003 diretor geral do Kaunas Drama Theatre. Durante muitos anos foi vice-diretor da Sociedade Filarmónica do Estado de Kaunas. Entre 2001 e 2007, foi presidente da Divisão Kaunas da União dos Compositores da Lituânia e diretor do festival de música contemporânea «Iš arti». Em 1996, Bartulis foi reconhecido como o Melhor Compositor de Teatro da Lituânia e, em 1998, recebeu o Prémio Nacional da Lituânia para a Cultura e as Artes. As suas obras foram constantemente apresentadas em festivais de música nova na Lituânia e no estrangeiro, incluindo o Festival de Música Eletrónica de Sófia (1985), «Warsaw Autumn» International Festival of Contemporary Music

Warsaw Autumn (1990, 1997), Baltisk Musikfestival (Estocolmo, 1991), Musikhøst (Dinamarca, 1992), Die Festival (França, 1997), entre muitos outros. Em 2003, uma série de quatro concertos de Bartulis foi organizada em diferentes cidades do Canadá.

No mesmo ano foi premiado Compositor do Ano e recebeu o prémio de melhor obra orquestral (pela oratória *Poor Little Man Job* para orquestra sinfónica, coro e solistas) no concurso organizado pela União dos Compositores da Lituânia. Outras composições da sua autoria foram premiadas no mesmo concurso – *Golden Angels* para dois quartetos de cordas em 2012, *The Sorrow of an Everstretching Landscape* para quarteto de cordas em 2014, e *Voyage du Silence* para barítono, violoncelo e piano (letra de Paul Éluard) em 2015. Em 2005 foi aclamado o artista mais destacado da cidade de Kaunas.

Vidmantas Bartulis – autor de música de câmara e sinfónica, instrumental e vocal, de palco e estúdio, teatro e cinema, música eletrónica e multimédia – distinguiu-se entre os compositores lituanos pela sua enorme produção, universalidade de géneros e versatilidade de estilos.

Ele surgiu no contexto da vida musical lituana no final da década de 1970, representando uma geração de compositores unidos por ideias gerais, princípios estéticos e características da *media* musical. Este grupo

de compositores com ideias semelhantes (Vidmantas Bartulis, Onutė Narbutaitė, Algirdas Martinaitis, Mindaugas Urbaitis, entre outros) criaram obras de música de câmara – introvertidas, contemplativas, elegíacas, imbuídas de aspirações naturais frequentemente enfatizadas pelos títulos poéticos das obras. A sua linguagem musical não era complexa, mas sim transparente, com algumas características do minimalismo. Outra característica destes compositores merece atenção: por vezes incrustavam nas suas obras citações musicais de épocas anteriores, procurando não efeitos poliestilísticos ou de colagem, mas sim um sentimento, pensamento ou estado de espírito que emergiam naturalmente quando eram diretamente exigidos pela obra. As obras de Vidmantas Bartulis são particularmente ricas em episódios de música «estrangeira, mas sua».

No final da década de 1980, as inesperadas experiências de Bartulis relacionadas com o teatro causaram grande surpresa. Deve ter sido a sua experiência como compositor de teatro durante muitos anos (escreveu música para mais de uma centena de peças dramáticas) que o levou a assumir a direção independente dos seus próprios «dramas». O compositor nunca hesitou em «convidar» para a sua música fragmentos de obras criadas por compositores de épocas recentes

ou mais distantes, por vezes com muita cautela, por vezes de forma bastante drástica.

Georgs Pelēcis

(n. 1947)

Nasceu em Riga em 1947. Estudou composição com Aram Khatchaturian no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo. Desde 1970 ensina polifonia na Academia de Música da Letónia. Recentemente foi nomeado presidente do Centro de Música Antiga de Riga. Além disso, tem uma vasta obra a seu crédito como um importante compositor deste século.

Georgs Pelēcis é um dos principais compositores contemporâneos da Letónia. Escreve nova música em consonância com um espírito positivo e harmonias desafiantes. Podemos ouvir as reverberações da música renascentista e barroca nas suas composições misturadas com a estética minimalista.

A música de Pelēcis tem um estilo ao mesmo tempo ingénuo e misterioso e revela o seu profundo conhecimento da música de culturas passadas. Como o próprio diz: «A minha linguagem musical e o meu estilo de expressão foram influenciados pelo que aprendi e passei a amar na música do passado; as suas melodias, os seus ritmos e as suas harmonias, que evoluíram desde o século XIV até aos dias de hoje através da música alemã, italiana, inglesa e francesa do século XVII. O estudo do folclore também

aprofundou a minha compreensão. Não dou grande importância à separação entre “antigo” e “contemporâneo”. Para mim, toda música importante e irresistível representa, na verdade, o brilho de um ideal e transmite o drama psicológico do espírito humano quando confrontado com esse ideal inacessível.»

Astor Piazzolla

(1921-1992)

Nasceu em Mar del Plata, Argentina, em 1921. Em 1925 a família foi viver para Nova Iorque, onde se manteve até 1936. Aos oito anos o seu pai ofereceu-lhe o seu primeiro bandoneón, instrumento que estudou durante um ano com Andrés D'Áquila; fez a sua primeira gravação, *Marionette Spagnol* – um disco fonógrafo (não comercial) na Radio Recording Studio em Nova Iorque.

A versatilidade vem-lhe das influências que recebeu na juventude: durante a sua estadia em Nova Iorque, estudou com a pianista húngara Bela Wilda, discípula de Rachmaninov, com quem aprendeu a gostar de Bach. Pouco depois, conheceu Carlos Gardel que se tornou um grande amigo da família.

Em 1936 voltou com a família para Mar del Plata, onde começou a tocar em algumas orquestras de tango. Em 1943 começou o seu trabalho em música clássica com *Suite para Cuerdas y Arpas* e em 1946

fundou a sua primeira orquestra, que se dissolveu em 1949. Em 1946 compôs *El Desbande*, considerada por Piazzolla o seu primeiro tango formal, e pouco depois começou a compor bandas sonoras para filmes. Entre 1950 e 1954 compôs uma série de trabalhos, totalmente diferentes da conceção de tango do seu tempo, que posteriormente virá a definir o seu estilo único: *Para lucirse*, *Tanguango*, *Prepárense*, *Contrabajeando*, *Triunfal*, *Lo que vendrá*.

Esteticamente, levou o tango aos seus limites, de tal forma que muitos não tiveram a capacidade de o acompanhar ou entender. Foi um músico versátil, hoje reconhecido pelo legado da música argentina, mas também criador de um repertório que integra os programas de formações de câmara e de orquestras sinfónicas. Com elementos heterogêneos e não convencionais (jazz, música clássica, experimental) produziu uma música única dominada pela influência do Tango.

Frédéric Chopin

(1810-1849)

Nasceu perto de Varsóvia e a sua vida tem suscitado inúmeras lendas. Quem não conhece a imagem desnaturada do músico, ao mesmo tempo apaixonado e afetado, tumultuoso e hipersensível? A sua relação com George Sand,

o seu comportamento mesquinho, a luta contra a tuberculose e a morte prematura quando ainda não completara quarenta anos, contribuíram para a sua imagem. Todavia, a sua resistência aos músicos contemporâneos românticos, o seu gosto pela música de Händel (sua referência musical), o facto de Bach e Mozart serem para ele os modelos de perfeição e o abandono da sua carreira como virtuoso, revelam a ambiguidade do seu temperamento.

Embora inicialmente se tenha esforçado por se conformar com o ideal clássico, depressa surgiu a preocupação de encontrar as origens populares da música polaca, uma mistura de nostalgia e de sonho, à qual irá dar uma extrema expressividade. A invasão da Polónia pela Rússia provocou nele um desespero patriótico que o levou a questionar-se de forma pungente. O sofrimento de viver longe do seu país conduziu-o a identificar o seu próprio sofrimento com o da Polónia oprimida.

Chopin, cuja evolução na composição é tão pessoal, dedicou a sua imaginação criativa quase exclusivamente ao piano, fazendo deste instrumento o meio de expressão musical por excelência, mais do que qualquer outro músico romântico. «Reconheçam, meus senhores, é um génio», foi o grito de admiração de Schumann a propósito de Chopin.

Intérpretes

Gidon Kremer

Direção musical e violino

Impulsionado pela sua filosofia artística surpreendentemente intransigente, Gidon Kremer afirmou uma reputação mundial como um dos artistas mais originais e cativantes da sua geração.

O seu repertório abrange partituras clássicas e música dos principais compositores dos séculos XX e XXI. Defendeu as obras de compositores russos e do Leste Europeu e interpretou muitas composições novas e importantes, várias das quais foram dedicadas a si. O seu nome está intimamente associado a compositores como Alfred Schnittke, Arvo Pärt, Giya Kancheli, Sofia Gubaidulina, Valentin Silvestrov, Luigi Nono, Edison Denisov, Aribert Reimann, Pēteris Vasks, John Adams, Victor Kissine, Michael Nyman, Philip Glass, Leonid Desyatnikov e Astor Piazzolla, cujas obras interpreta de forma que respeita a tradição, ao mesmo tempo em que está plenamente atento à originalidade. É justo dizer que nenhum outro solista de estatuto internacional fez mais para promover a causa dos compositores contemporâneos e da nova música para violino.

Gidon Kremer gravou mais de 120 álbuns, muitos dos quais receberam prestigiosos prémios internacionais. A sua longa lista de distinções

e prémios inclui o Ernst von Siemens Musikpreis, o Bundesverdienstkreuz, o Prémio Triunfo de Moscovo, o Prémio Unesco e o Prémio Una Vita Nella Musica – Artur Rubinstein. Em 2016, Gidon Kremer recebeu o prémio Praemium Imperiale, amplamente considerado o Prémio Nobel da música.

Em 1997, Gidon Kremer fundou a orquestra de câmara Kremerata Baltica para promover jovens músicos dos Estados Bálticos. O *ensemble* faz grandes digressões e gravou quase 30 álbuns para as editoras Nonesuch, Deutsche Grammophon e ECM. Em 2016/17, a Kremerata Baltica realizou digressões históricas pelo Médio Oriente, América do Norte, Europa e Ásia para celebrar o 20.º aniversário da orquestra.

Deve também ser sublinhado o seu empenho na «descoberta» do compositor Mieczyslaw Weinberg, ao qual Kremer prestou serviços particularmente notáveis nos últimos anos. Em 2019 e 2021, a Deutsche Grammophon e a Accentus Music lançaram álbuns gravados por e com Gidon Kremer com obras orquestrais e de música de câmara de Weinberg.

Georgijs Osokins

Piano

Conquistou reconhecimento internacional com a sua participação, aos 19 anos, no Concurso Chopin de 2015, onde as suas interpretações receberam elogios superlativos

ou geraram controvérsia. Era um dos favoritos do público e o concorrente mais discutido quando foi apelidado pelos críticos de «excecional e imprevisível».

Osokins fez estreias importantes no Berlin Konzerthaus, no Vancouver Playhouse, no Klavier-Festival Ruhr, no Festival «Chopin and his Europe» em Varsóvia, no Laeiszhalle em Hamburgo, na International Piano Series em Berna, no Elbphilharmonie em Hamburgo, no Zaryadye Concert Hall em Moscovo, no Festival Lockenhaus, no Metropolitan Theatre Hall em Tóquio e no Tongyeong Hall na Coreia do Sul.

A editora britânica Piano Classics lançou dois álbuns em CD de Osokins focados nas últimas obras de Chopin e nas obras de Rachmaninov. Estas gravações receberam ótimas críticas de importantes revistas musicais canadianas, alemãs, dinamarquesas, britânicas e francesas.

Em 2020, a editora alemã Accentus lançou o primeiro álbum de música de câmara de Georgijs ao lado de Gidon Kremer contendo trios de Chopin e Beethoven – este CD recebeu excelentes críticas em todo o mundo e foi nomeado para os International Classical Music Awards 2020 e para o Opus Klassik 2021.

Em 2021, Osokins estreou-se no Festival Martha Argerich, em Hamburgo, e no 101.º Festival de Salzburgo, partilhando palco

com Gidon Kremer e Giedre Dirvanauskaite.

Juntamente com Lucas Debargue, Georgijs foi anunciado por Gidon Kremer como o primeiro artista convidado permanente da Kremerata Baltica nos seus 22 anos de história. Em maio de 2019, foi lançado o segundo álbum de Georgijs pela Piano Classics que é inteiramente dedicado às obras de Sergei Rachmaninov. Este álbum recebeu críticas brilhantes da *Pizzicato*, *Gramophone*, *France Musique*, *Danish Radio*, entre outros.

Desde a sua estreia pública com a Orquestra Sinfónica Nacional da Letónia, aos dez anos, Osokins tocou com a Orquestra de Câmara Amadeus, Kremerata Baltica, Orquestra Filarmónica de Taiwan, Tokyo New City Orchestra, Orquestra Filarmónica de Nápoles, Sinfonietta Cracovia. Partilhou o palco com Gidon Kremer, Giedre Dirvanauskaite, Sergei Nakariakov, Nicolas Altstaedt, Vladimir Fedoseev, Yulianna Avdeeva, Lio Kuokman, entre outros.

Andrei Pushkarev

Vibrafone

Nasceu numa família de músicos em Kiev em 1974. Aos cinco anos iniciou a sua educação musical com aulas de piano. Em 1980, ingressou na Escola Especializada de Música de Kiev.

Desde muito jovem que Andrei tem uma paixão pela música

e aos 14 anos o seu foco mudou para instrumentos de percussão.

Em 1992, Andrei Pushkarev tornou-se aluno do Conservatório Nacional Tchaikovsky de Kiev (agora – Academia Nacional de Música da Ucrânia), onde continuou a sua formação profissional com o professor Alexander Blinov.

Durante os estudos no Conservatório, Andrei começou a criar as suas próprias obras, incluindo composições próprias para solo de vibrafone. Andrei continuou a estudar percussão orquestral, mas o vibrafone conquistou a sua alma. O vibrafone tornou-se muito mais que o instrumento favorito de Andrei. O vibrafone, um verdadeiro instrumento solo, foi capaz de transportar os ouvintes para um mundo repleto de novos sons e cores emocionantes.

Em 1995, o recém-criado concurso «Novos Nomes da Ucrânia» concedeu a Andrei o Primeiro Prémio como vibrafonista solo. Andrei interpretou as suas próprias composições musicais na cerimónia de premiação.

Entre 1995 e 1999, Andrei atuou como vibrafonista com muitos *ensembles* de música de câmara por toda a Ucrânia.

Durante este período, Andrei alcançou outro marco importante na sua carreira. Em 1996, foi selecionado para se tornar o timpanista principal da Orquestra Filarmónica de Kiev.

Aos 22 anos, tornou-se o mais jovem timpanista principal da orquestra sinfónica da Ucrânia.

Em 1999, a sua carreira musical atingiu um novo patamar. Andrei Pushkarev juntou-se à orquestra de câmara Kremerata Baltica. Até hoje detém o estatuto de solista e também de percussionista principal deste *ensemble*.

O célebre violinista Gidon Kremer criou a orquestra em 1997.

Desde 1999, Andrei tem andado em digressão com a Kremerata Baltica em todo o mundo. Além disso, participou em inúmeras gravações como membro do *ensemble* para editoras como a Nonesuch, Deutsche Grammophon, ECM, etc. Como solista, pode ser ouvido no CD *After Mozart*, que recebeu um Grammy em 2001 nos EUA, bem como o Prémio Echo em 2002 na Alemanha.

No verão de 1999, atuou pela primeira vez no Kammermusikfest Lockenhaus (Áustria) e rapidamente tornou-se um participante regular deste festival.

Desde então fez diversos arranjos para vibrafone e solo de violino com e sem orquestra de câmara. Juntamente com Gidon Kremer e a Kremerata Baltica atuou em inúmeras salas de concerto em todo o mundo, incluindo o Carnegie Hall em Nova Iorque, o Albert Hall em Londres, o Musikverein e a Konzerthaus em Viena, o Concertgebouw em Amsterdão, etc.

Gidon Kremer propôs a ideia de fazer arranjos de *jazz* usando 15 invenções de duas vozes de J. S. Bach para vibrafone solo. Andrei desenvolveu a ideia, tendo ele próprio uma grande paixão por *jazz*. Eventualmente, cada uma das invenções de Bach foi remodelada e executada ao estilo de vários pianistas de *jazz* – incluindo Oscar Peterson, Dave Brubeck, Chick Corea, etc. Na primavera de 2004, Andrei Pushkarev interpretou, pela primeira vez, o projeto *Bach Vibrations*, na Basileia (Suíça), no festival Les Museiques de Gidon Kremer.

No mesmo ano gravou este ciclo. Este CD, lançado pela editora austríaca Gramola, foi mencionado pela Deutsche Schallplattenkritik Bestenliste como uma das descobertas do ano.

No verão de 2005, Andrei apresentou o projeto *Bach Vibrations* no Festival de Música de Verbier (Suíça).

Andrei Pushkarev tocou com músicos reconhecidos mundialmente, incluindo Yo Yo Ma, Martha Argerich, Julius Berger, Vadim Repin, Julian Rachlin, Alexander Zemtsov, Gavriel Lipkind, Mario Brunello, Lukas Debargue, Plamena Mangova, Alexander Knyazev, Sergei Dogadin, Lukas Geniusas, Didier Lockwood, Michel Portal, Peter Sadlo, David Friedman, Emmanuel Sejourne.

Além disso, trabalhou com maestros conceituados como Yury Temirkanov, Voldemar Nelsson e Roman Kofman.

Em 2004, foi galardoado com o prêmio de vibrafonista solo da fundação Pro Europe.

Em 2005, Andrei fez uma digressão mundial em dupla com Gidon Kremer.

Em 2006, Andrei Pushkarev realizou uma digressão com Gidon Kremer e o pianista lituano Andrius Zlabys, no âmbito do projeto do trio de Kremer, *From Bach to Piazzolla*. Este projeto recebeu rasgados elogios nos Estados Unidos da América e na América do Sul.

Desde 2009, Andrei Pushkarev ministra regularmente *masterclasses* em todo o mundo (América do Norte e do Sul, Europa, Ásia e Austrália). Participou como jurado em inúmeras competições internacionais de percussão, como a competição de percussão TROMP (Países Baixos), a Competição Internacional PAS (Itália), a Competição Northwestern (EUA), entre muitas outras.

Em 2010, juntamente com Gidon Kremer e o bandoneonista argentino Dino Saluzzi, Andrei gravou *Themes from the Songbook* – música de cinema e teatro do compositor georgiano Giya Kancheli. Em outubro de 2010 este CD foi lançado pela ECM Records.

Desde 2013, Andrei Pushkarev é intérprete oficial do Majestic Percussion™ e Innovative Percussion™.

Em novembro de 2017, a Ópera Nacional da Letônia apresentou o ballet *Don Juan* com música

de Mozart e Chopin e arranjos de Andrei Pushkarev.

Em março de 2020, o Teatro Nacional de Brno (República Checa) apresentou o ballet *A Dama das Camélias* com música de Schubert e arranjos de Andrei Pushkarev.

Em junho de 2020, juntamente com o percussionista Pavel Beliaev, fundou a dupla de percussão GRAD.

Em 2020, gravou, com o violoncelista Julius Berger e Pavel Beliaev, *Bach Frequencies 60-90* – disco composto por música de J. S. Bach, Alessandro Marcello, Dmitri Schostakovich e Astor Piazzolla com arranjos de Andrei Pushkarev e Julius Berger para violoncelo *piccolo*, vibrafone e marimba. Em abril de 2021, este CD foi lançado pela Solo Musica.

Andrei trabalha em diversos arranjos para orquestras e diferentes grupos de música de câmara com músicos mundialmente reconhecidos. Além disso, compõe as suas próprias obras.

Kremerata Baltica

Fundada em 1997 pelo conceituado violinista Gidon Kremer, a orquestra de câmara Kremerata Baltica, premiada nos Grammys, é considerada um dos *ensembles* internacionais mais proeminentes da Europa.

Kremer selecionou intencionalmente músicos jovens e talentosos para ir além da compreensão comum de tocar numa orquestra e fazer

música. Um amplo repertório, da música antiga à moderna, incluindo obras de música de câmara de Bartók, Ligeti, Beethoven, quartetos de cordas de Schostakovich, estão no repertório recente do *ensemble* – recebendo grande reconhecimento do público, mostra o novo nível da música de câmara, onde a técnica se une à linguagem musical expressiva. Essencial para a personalidade artística da Kremerata Baltica é a sua abordagem criativa à programação que muitas vezes vai além do *mainstream* e deu origem a estreias mundiais de obras de compositores como Arvo Pärt, Giya Kancheli, Pēteris Vasks, Leonid Desyatnikov, Alexander Raskatov, Georgs Pelēcis, Kristis Auznieks, Jēkabs Jančevskis ou Raminta Šerkšnytė. O trabalho consequente e permanente de estudo, redescoberta e interpretação da música de Mieczyslaw Weinberg, Milosz Magin e recentemente de Viktor Kalabis, dá o merecido destaque à obra destes compositores, dando ao público uma nova perspectiva não só artística, mas também histórica.

Todos os anos, durante o festival Kremerata Baltica em Dzintari, Jūrmala, a orquestra apresenta obras recentemente compostas por compositores de origem báltica, especialmente encomendadas para essa ocasião para manter a tradição da música clássica letã e báltica

em destaque e para a popularizar em todo o mundo.

A Kremerata Baltica também serve como meio para partilhar a experiência artística de Gidon Kremer com a nova geração e, ao mesmo tempo, para promover e inspirar a vida musical e cultural dos Bálticos – a colaboração com músicos extraordinários como Reinhard Schmidt, András Keller, Mario Brunello com estudos sobre a interpretação traz novas abordagens de compreensão musical e inspiração para os membros da orquestra.

Conhecida não só pela sua interpretação de música, mas também pela capacidade de reagir rapidamente, ser sensível e responder aos detalhes, durante muitos anos a Kremerata Baltica tem sido uma orquestra residente no festival de Kronberg e no festival de Lockenhaus – atuando em conjunto com solistas como Nicolas Altstaedt, Anneleen Lenaerts, Heinz Holliger, Olli Mustonen, Mischa Maisky, Kian Soltani, Gilles Apap, Iiro Rantala, Pinchas Zukerman, entre outros.

Marta Argerich, Lucas Debargue, Yulianna Avdeeva, Seong-Jin Cho, Vida Miknevičiūtė, Michala Petri, Mate Bekavac, Georgijs Osokins, Iveta Apkalna, Andrius Žlabys, Ivan Karizna, Per Arne Glorvigen, Fuad Ibrahimov e Hugo Ticciati são alguns dos músicos e amigos mais próximos que trabalharam com a orquestra nos últimos anos.

Desde a sua criação, a Kremerata Baltica tocou em mais de 50 países, apresentando-se em 600 cidades e dando mais de mil concertos em todo o mundo – desde concertos no topo das montanhas no festival I Suoni delle Dolomiti, até atuações para sete mil ouvintes no Credia Proms, série de concertos na Coreia do Sul, apresentando o repertório abrangente e cuidadosamente escolhido da orquestra, que também é apresentado nas suas muitas e elogiadas gravações. O álbum de obras de Mieczysław Weinberg na ECM foi nomeado para os Grammys em 2015 e a gravação dos concertos para piano de Schostakovich com Anna Vinnitskaya venceu o ECHO Klassik em 2016.

A gravação das Sinfonias n.º 2 e n.º 21 de Weinberg, uma aventura conjunta com a Orquestra Sinfónica da Cidade de Birmingham e Mirga Gražinytė-Tyla, receberam o Gramophone Award em 2020. Os discos *Kremerata Baltica. Marģeris Zariņš* (2021) e *ppp – Plakidis, Pētersons, Pelēcis* (2022) receberam o prémio Microfone de Ouro da Letónia na categoria de melhor álbum de música clássica. O ano de 2024 começou com o lançamento do novo CD *Songs of Fate*, na ECM, já sendo reconhecido pela crítica mundial.

JÁ A SEGUIR
28 MARÇO 2024

Concerto de Páscoa *Te Deum* de Bruckner

Orquestra Sinfónica Portuguesa Coro do Teatro Nacional de São Carlos

No emblemático Concerto de Páscoa no CCB, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos unem-se para apresentar o majestoso *Te Deum* de Bruckner. Sob a batuta do maestro Antonio Pirolli, esta obra majestosa ecoa nos corações do público, celebrando a espiritualidade e grandiosidade da época pascal com uma interpretação sublime e emocionante. Será ainda tocada a *Missa glagolítica* de Leoš Janáček.

Quinta-feira, 21h00
Grande Auditório, M/6
Coprodução
Centro Cultural de Belém
OPART / Teatro Nacional de São Carlos

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



PROJETO CCB – CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR

